

EDUARDO VEIGA GRECA

**CRISE DA CULTURA CACAUEIRA NA BAHIA: Impactos Econômicos e a
Necessidade de Intervenção Estatal**

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Fim de
Curso como requisito parcial à conclusão do curso
de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais
Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Armando João Dalla Costa


CURITIBA
2009

TERMO DE APROVAÇÃO

EDUARDO VEIGA GRECA

CRISE DA CULTURA CACAUEIRA NA BAHIA: Impactos Econômicos e a Necessidade
de Intervenção Estatal

Monografia aprovada como requisito parcial para a conclusão do curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:


Orientador: Prof. Dr. Armando João Dalla Costa


Prof. Dr. Fernando Motta Correia


Prof. João Basílio Pereima Neto

Curitiba, 1º de dezembro de 2009.

CRISE DA CULTURA CACAUEIRA NA BAHIA: IMPACTOS ECONÔMICOS E A NECESSIDADE DE INTERVENÇÃO ESTATAL¹

GRECA, Eduardo Veiga²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar os impactos econômicos da atual crise da cultura cacauífera na Bahia, originada principalmente pelo fungo causador da doença vassoura-de-bruxa, o qual tem devastado a lavoura de cacau desde a metade da década 1990. Dentre os impactos econômicos abordados, serão examinados: a provável queda na receita dos produtores, a alteração da condição do Brasil no comércio internacional de cacau e a queda na produtividade na Bahia. Na busca de uma solução, a intervenção estatal é abordada como a alternativa mais eficaz. Essa, por sua vez, será conceituada em 3 maneiras diferentes: Estado liberal, marxista e keynesiano. Dentro da concepção do modelo keynesiano, serão analisadas e explicadas as duas principais intervenções feitas pelo governo durante a crise: Plano de Recuperação da Lavoura Cacauífera e o Plano de Aceleração do Desenvolvimento do Agronegócio na Região Cacauífera do Estado da Bahia – “PAC do Cacau”.

Palavras-chave: Cacau da Bahia. Vassoura-de-bruxa. Impactos econômicos. Intervenção estatal.

Abstract

This article aims to analyze the economic impacts of the cocoa crisis in the Brazilian state of Bahia, which started due to a fast spread of the witches' broom disease that have devastated the cocoa farms since mid-1990. The probable decrease on producer's revenue, the change of the Brazilian role in the international cocoa trade and the drastic fall on Bahia's cocoa productivity will be examined in this paper. The state intervention will be presented as the most effective solution to this crisis and explained through the Marxist, Liberal and Keynesian conceptions of State. The two main actions performed by the Federal Brazilian Government to face the crisis, i.e. "The Recovery of Cocoa Farming Plan" and "The Acceleration of the Development of Agribusiness in Bahia's Cocoa Region Plan" will be interpreted within The Keynesian Model.

Key words: Bahia's cocoa. Witches' broom. Economic impacts. State intervention.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Ciências Econômicas da UFPR.

² Acadêmico do curso de Ciências Econômicas, UFPR. E-mail: eduardogreca@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A cultura cacaueteira baiana é imortalizada por grandes obras de Jorge Amado, como: São Jorge dos Ilhéus, Terras do Sem Fim e Gabriela, Cravo e Canela, retratando a riqueza e o poder dos coronéis e barões do cacau durante a época áurea. Hoje, grande parte da população brasileira desconhece a real situação da cultura cacaueteira na Bahia, a qual está enfrentando a maior crise da sua história desde a metade da década de 1990.

Em 1989, foi descoberto na Bahia o fungo *Moniliophthora perniciosa*, causador da doença vassoura-de-bruxa. Esse fungo é natural da região Amazônica e suspeitosamente foi encontrado em pontos do sul da Bahia (maior pólo produtor de amêndoas de cacau do Brasil), onde a disseminação se alastra com facilidade. Essa doença ataca os tecidos de crescimento do cacaueteiro, principalmente os ramos e frutos, reduzindo drasticamente sua produtividade ou tornando-o improdutivo. Seu prejuízo teve início no ano-safra agrícola de 1994/95 e aumentou nos anos subsequentes. Os números não deixam dúvidas sobre o impacto desse fungo. Na safra recorde de 1984/85, mais de 400 mil toneladas de amêndoas foram colhidas no país. Porém, em apenas 15 anos esse número caiu 60% (BARROS, 2005).

Junto à rápida disseminação da doença, o preço internacional do cacau caiu significativamente na década de 1990 graças ao aumento da produção dos países asiáticos e africanos, levando à descapitalização dos cacauicultores baianos. Dessa forma, um cenário crítico foi sendo moldado em um estado com uma economia ainda alicerçada por esta monocultura.

Como consequência, estima-se que 250 mil pessoas perderam seus empregos e migraram para periferia dos principais centros urbanos, onde residem em condições precárias (BRITO, 2000). Além disso, ocorreu um caso que por muito tempo se achava impensável: o Brasil que até meados da década de 1920 ocupava o posto de maior produtor mundial e até praticamente toda a década de 1980, o de segundo maior produtor, viu sua condição no comércio internacional se reverter. A partir do ano-safra 1997/98, a produção brasileira não conseguiu atender à demanda interna de moagem, tornando o Brasil pela primeira vez, um importador de cacau (condição que se estende até hoje).

Já fazem mais de 20 anos que a vassoura-de-bruxa prejudicou a safra da Bahia pela primeira vez. Após todo esse tempo era de se esperar que ações estejam sendo tomadas. O presente estudo tem como objetivo mensurar os principais impactos econômicos causados durante esse período e mostrar a importância do papel do Estado na solução dessa crise.

2 IMPACTOS ECONÔMICOS

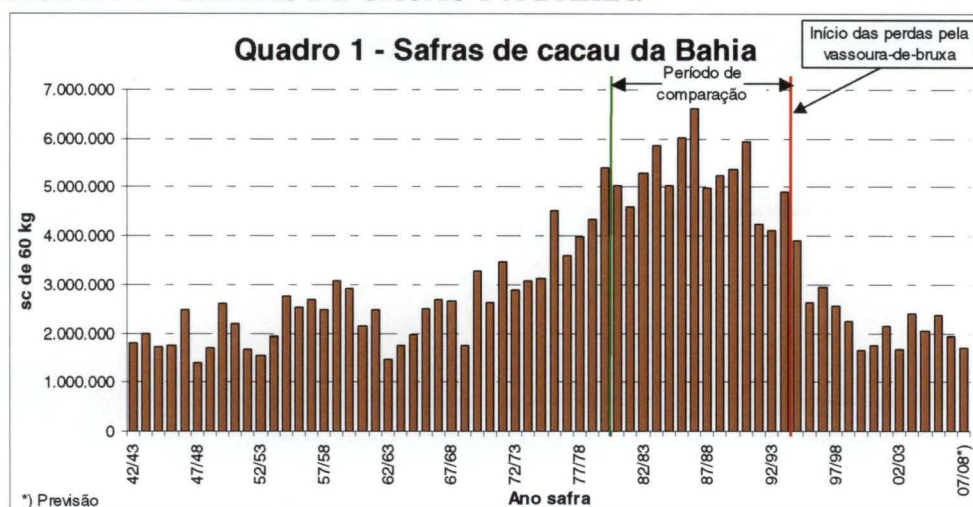
Devido ao longo período em que o estado da Bahia vem sofrendo por essa situação, a mensuração de alguns dos principais impactos econômicos e suas tendências são de grande benefício para futuras tomadas de decisões. A seguir, serão avaliadas as perdas na receita dos produtores baianos, a alteração da condição do Brasil no comércio internacional de cacau e a queda na produtividade na Bahia.

2.1 Perdas na receita dos produtores

Conforme mencionado anteriormente, o prejuízo advindo da vassoura-de-bruxa teve início no ano-safra agrícola de 1994/95. A partir dessa safra, os produtores baianos tiveram enormes perdas na sua receita, as quais serão explanadas a seguir.

A FIGURA 1 mostra as quantidades de sacas de 60 kg de cacau colhidas nos últimos 66 anos na Bahia. Nota-se que a safra da Bahia estava experimentando crescimentos constantes por décadas, modulados apenas por variações climáticas. Porém, é facilmente perceptível a quebra estrutural a partir do ano-safra 1994/95, destacado pela a linha vertical vermelha, levando a produção a retroceder a níveis da metade do século passado (HARTMANN, 2008).

FIGURA 1 – SAFRAS DE CACAU DA BAHIA.

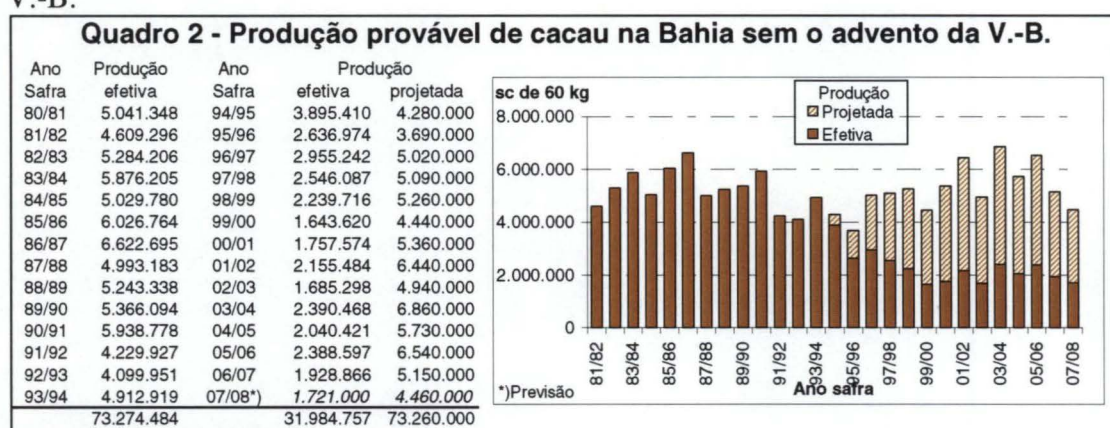


FONTE: TH Consultoria

Para mensurar a perda de receita dos produtores, considerou-se a vassoura-de-bruxa em estado de *ceteris paribus*. Dessa forma, essa análise projeta o quanto seria a produção do cacau nos 14 anos-safra posteriores ao início das perdas pela praga, multiplicado pelo preço. Observando a tendência do gráfico, é de se supor que haveria um aumento na produção baiana

sem o advento da vassoura-bruxa. Além disso, também podemos acreditar que a tendência teria essa mesma direção se examinarmos o comportamento da produção do resto do mundo que, entre 1995 e 2007, registrou aumento de 28%. Porém, foi realizada uma projeção conservadora dessas 14 safras, mantendo o mesmo volume das 14 antecedentes, ou seja, uma produção estagnada conforme descrito na FIGURA 2. As oscilações de cada ano-safra projetadas são em virtude das variações climáticas que efetivamente aconteceram (HARTMANN, 2008).

FIGURA 2 – PRODUÇÃO PROVÁVEL DE CACAU NA BAHIA SEM O ADVENTO DA V.-B.



FONTE: TH Consultoria

Na FIGURA 3, foi calculada a receita efetiva e projetada dos anos-safra 1994/95 a 2007/08. Para poder mensurar o impacto da vassoura-de-bruxa na receita dos produtores, diminuindo-se o valor da receita projetada pelo efetivo, é preciso ajustar os valores para o tempo presente. Dessa forma, foi usado o salário mínimo como fator de correção, pois 90% do custo da produção do cacau é a mão-de-obra. Além disso, a partir do ano-safra 1999/00, calcula-se que o preço interno subiu em média 15% devido à necessidade cada vez maior de importar cacau por falta de oferta local. Sem o aparecimento dessa praga é de se supor que o Brasil não teria se tornado um importador e esse aumento não teria ocorrido. Assim, a partir desse ano-safra foi descontado esse adicional na receita projetada (HARTMANN, 2008).

FIGURA 3 – AVALIAÇÃO DAS PERDAS DE RECEITA DA CACAUCULTURA DA BAHIA.

Quadro 3 - Avaliação das perdas de receita da cacauicultura da Bahia										
Ano safra	Receita realizada				Receita projetada				Perda de receita	
	Produção sc	Pr.méd. R\$/@	Valor - R\$ nominal	Valor - R\$ corrigido	Produção sc	Pr.méd. R\$/@	Valor - R\$ nominal	Valor - R\$ corrigido	nominal	corrigido
94/95	3.895.410	13,31	207.425.699	1.126.025.222	4.280.000	13,31	227.904.642	1.237.196.625	20.478.943	111.171.404
95/96	2.636.974	14,89	157.019.853	596.675.440	3.690.000	14,89	219.722.779	834.946.562	62.702.927	238.271.121
96/97	2.955.242	16,90	199.808.239	677.920.811	5.020.000	16,90	339.409.551	1.151.568.120	139.601.312	473.647.308
97/98	2.546.087	23,40	238.264.597	754.504.557	5.090.000	23,40	476.325.749	1.508.364.873	238.061.152	753.860.316
98/99	2.239.716	24,97	223.670.989	653.807.506	5.240.000	24,97	523.296.789	1.529.636.769	299.625.800	875.829.262
99/00	1.643.620	25,60	168.324.073	470.317.264	4.400.000	21,76	383.015.560	1.070.190.535	214.691.486	599.873.271
00/01	1.757.574	23,31	163.845.982	412.327.636	5.310.000	19,81	420.761.139	1.058.869.092	256.915.157	646.541.456
01/02	2.155.484	38,34	330.602.251	697.938.086	6.380.000	32,59	831.764.935	1.755.948.195	501.162.683	1.058.010.109
02/03	1.685.298	101,31	682.958.364	1.297.620.892	4.890.000	86,11	1.684.400.291	3.200.360.553	1.001.441.927	1.902.739.661
03/04	2.390.468	65,05	621.992.060	984.820.761	6.790.000	55,29	1.501.725.675	2.377.732.319	879.733.616	1.392.911.558
04/05	2.040.421	68,03	555.236.078	811.498.883	5.670.000	57,83	1.311.474.582	1.916.770.542	756.238.504	1.105.271.659
05/06	2.388.597	49,49	472.856.917	598.952.095	6.470.000	42,07	1.088.704.630	1.379.025.865	615.847.714	780.073.770
06/07	1.928.866	49,75	383.880.775	416.784.841	5.090.000	42,29	861.055.238	934.859.973	477.174.463	518.075.131
07/08*)	1.722.000	60,34	415.590.608	415.590.608	4.500.000	51,29	923.132.448	923.132.448	507.541.840	507.541.840
	31.985.756		4.821.476.484	9.914.784.603	72.820.000		10.792.694.009	20.878.602.471	5.971.217.524	10.963.817.868

FONTE: TH Consultoria

De acordo com a FIGURA 3 estima-se que os produtores de cacau da Bahia perderam aproximadamente R\$ 11 bilhões em apenas 14 anos. Vale ressaltar, que provavelmente esse impacto é ainda maior, pois certamente a produção baiana não teria se mantido estagnada durante todo esse período.

Conforme dados do MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), a renda agrícola do estado da Bahia, para todas as culturas, foi de aproximadamente R\$ 8 bilhões em 2008. Se fizermos uma analogia entre os R\$ 11 bilhões e os R\$ 8 bilhões mencionados, podemos concluir que: a cada 10 anos o impacto da vassoura-de-bruxa é igual a 1 ano do total da renda agrícola do estado da Bahia.

2.2 De exportador para importador

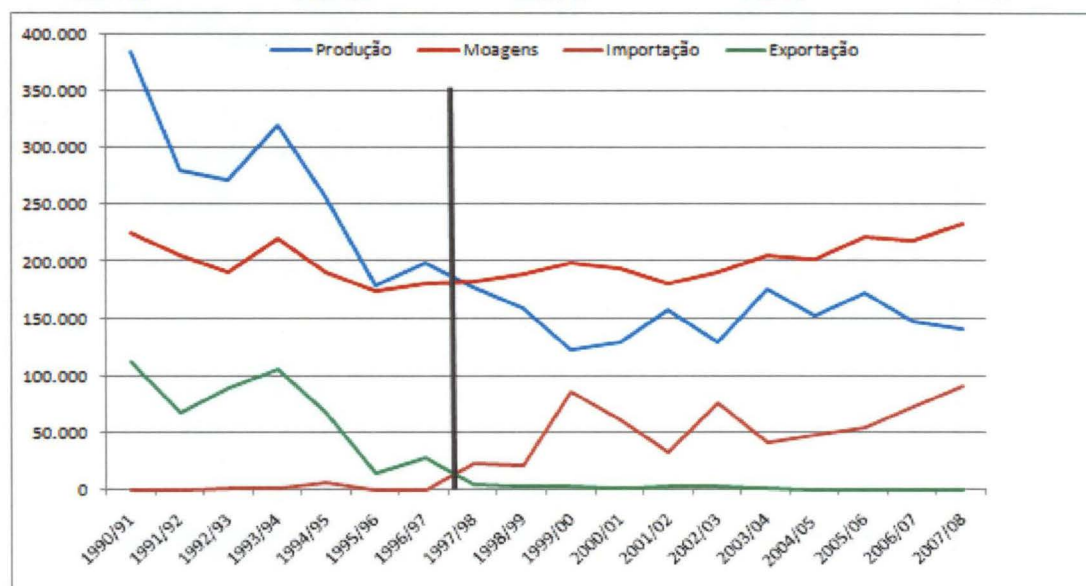
O estado da Bahia que no começo da década de 1990 era responsável por aproximadamente 90% da produção brasileira de cacau, responde hoje por praticamente 80%. Dessa forma, qualquer alteração na safra baiana causa um impacto de quase a mesma magnitude na safra brasileira.

Com a quebra estrutural na produção baiana causada pela vassoura-de-bruxa, a produção e o abastecimento brasileiro foram seriamente afetados. O Brasil que durante boa parte do século passado se manteve entre os maiores produtores e exportadores do mundo, tornou-se a partir do ano-safra 1997/98 um importador. Essa situação teve grande repercussão na época, pois os produtores acreditavam que seriam prejudicados com tal cenário e também por ser a primeira vez que o país estava importando um produto jamais comprado em quantidades tão consideráveis. Essa situação estende-se até hoje e, além disso, o déficit no mercado interno aumenta a cada ano.

Na FIGURA 4 pode-se perceber a queda vertiginosa na produção durante a década de 1990. A partir da linha preta vertical no gráfico, nota-se com facilidade o ponto em que a demanda de moagem superou a produção. É importante notar que a distância entre a linha da produção e a de moagem tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, conseqüentemente houve uma alta na linha da importação. Dessa forma, a cada ano o Brasil se concretiza mais como um país insuficiente na produção de cacau.

FIGURA 4 – DADOS BRASIL: PRODUÇÃO, MOAGENS, IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE CACAU EM AMÊNDOA.

Períodos	Produção	Moagens	Importação	Exportação
<u>Valores em toneladas</u>				
1990/91	384.327	224.884	0	111.952
1991/92	280.796	205.744	0	67.688
1992/93	271.997	190.552	2.171	88.805
1993/94	319.775	219.770	2.046	105.442
1994/95	256.725	190.843	5.899	67.841
1995/96	179.218	173.687	259	15.345
1996/97	199.815	179.812	30	29.026
1997/98	177.330	182.458	23.765	5.550
1998/99	159.120	188.092	20.887	4.171
1999/00	123.006	199.487	85.102	3.880
2000/01	129.347	194.068	60.865	2.064
2001/02	157.209	179.605	33.134	3.204
2002/03	130.334	190.394	75.909	3.285
2003/04	175.567	206.117	40.440	1.676
2004/05	152.209	201.474	47.857	983
2005/06	171.954	221.678	54.065	1.035
2006/07	147.240	218.301	72.613	397
2007/08	141.715	233.703	90.371	764



FONTE: TH Consultoria
ELABORAÇÃO: Própria

A fim de evitar maiores gastos com a importação, as indústrias moageiras conseguiram implementar o mecanismo de Drawback. Esse mecanismo de comércio exterior caracteriza-se como um incentivo concedido às empresas fabricantes-exportadoras, que

permitem importar, livre do pagamento de tributos e taxas, itens destinados a integrar um produto final, por transformação, beneficiamento ou composição, com a condição básica deste produto ser exportado (Ceplac, 2005).

2.3 Produtividade do cacau na Bahia

Quando se analisa a queda vertiginosa na produção do cacau mencionada no item anterior, supõe-se que houve uma redução na área plantada por abandono ou substituição por outra cultura. Porém, a partir dos dados da FIGURA 5 percebe-se que área plantada na Bahia no ano-safra 2007/08 é praticamente a mesma do ano-safra 1990/91. A justificativa da queda da produção está diretamente atrelada à perda de produtividade, a qual caiu acentuadamente 70,5%.

FIGURA 5 – PRODUTIVIDADE DO CACAU NA BAHIA.

Períodos	Produção Bahia (ton)	Área Plantada (ha)	Produtividade (ton/ha)
1990/91	356.327	549.435	0,6485
1991/92	253.796	545.819	0,4650
1992/93	245.997	608.490	0,4043
1993/94	294.775	607.489	0,4852
1994/95	233.725	582.575	0,4012
1995/96	158.218	625.488	0,2530
1996/97	177.315	576.898	0,3074
1997/98	152.765	625.869	0,2441
1998/99	134.383	621.025	0,2164
1999/00	98.617	597.789	0,1650
2000/01	105.454	606.835	0,1738
2001/02	129.329	574.586	0,2251
2002/03	101.118	487.791	0,2073
2003/04	143.428	487.542	0,2942
2004/05	122.425	535.072	0,2288
2005/06	143.316	517.583	0,2769
2006/07	115.732	560.005	0,2067
2007/08	103.265	540.046	0,1912

FONTE: Dados da Produção: TH Consultoria. Dados da Área Plantada: IBGE.
ELABORAÇÃO: Própria

Analisando cada período, o primeiro grande impacto foi em 1990. Quando foi constatado o aparecimento da vassoura-de-bruxa na Bahia em 1989, a Ceplac (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira) recomendou a derrubada das árvores nas regiões

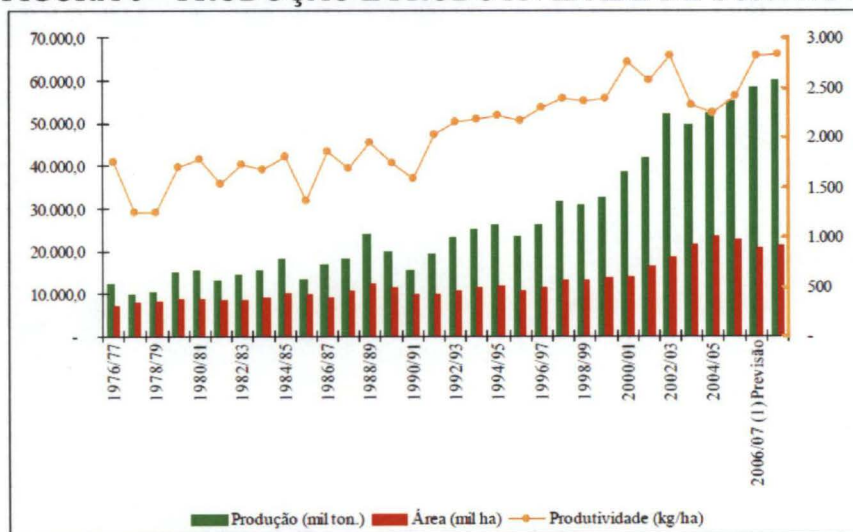
de Ilhéus e Itabuna para evitar a propagação da praga. Dessa forma, esse primeiro impacto ocorreu pela queda na densidade de árvores por hectare na região.

Entre 1992 e 1994, a variação é relativamente pequena, principalmente devido às boas condições climáticas, por menor regime de chuvas, que em teoria, significa menor propagação da vassoura (dado que fungos se propagam muito melhor em ambiente com umidade).

Em 1995, há um novo decréscimo de produtividade. Uma das explicações é o início da produção de novas variedades de árvores que, tidas como resistentes à vassoura, tiveram como contrapartida uma menor produtividade. Uma árvore de cacau demora, em média, 4 a 5 anos para dar os primeiros frutos de forma consistente, ou seja, as árvores que foram arrancadas em 1989 e 1990 foram substituídas por outras que começaram a produzir a partir de 1995.

Apenas para efeito comparativo, enquanto a produtividade do cacau na Bahia despencava, essa mesma variável mostrou-se determinante no aumento da produção de várias outras culturas, como por exemplo, a soja e o milho. De acordo com a FIGURA 6 e a FIGURA 7, levando em consideração praticamente o mesmo período analisado, a produtividade tanto da soja como a do milho aumentou cerca de 100%.

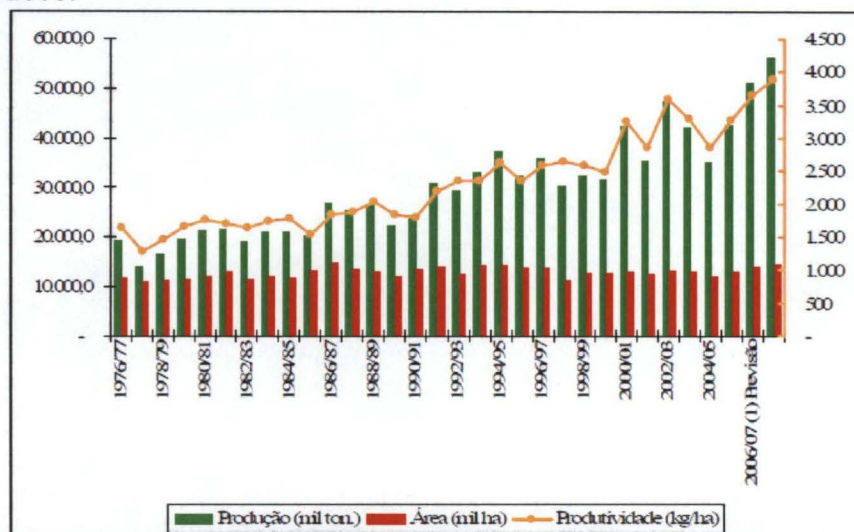
FIGURA 6 – PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DE SOJA NO BRASIL DE 1976 A 2008.



FONTE: CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento)

ELABORAÇÃO: MAFUD, Marina e NEVES, Marcos

FIGURA 7 – PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DE MILHO NO BRASIL DE 1976 A 2008.



FONTE: CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento)

ELABORAÇÃO: MAFUD, Marina e NEVES, Marcos

3 INTERVENÇÕES ESTATAIS

Antes de qualquer coisa, para uma melhor compreensão das abordagens de intervenção estatal, é preciso entender o conceito de Estado:

“O conceito de Estado vem do latim "status" onde significava o "status quo" de uma pessoa na sociedade. Nos dias atuais, porém, possui várias acepções (filosófica, jurídica e sociológica) o que torna difícil sua definição. O significado de Estado como ordem política da sociedade, no entanto, é conhecido há tempos, geralmente correspondendo a uma espécie de organização política, munida de coerção e de poder, que pela legitimidade da maioria, administra os amplos interesses e objetivos do todo social, sendo sua área de atuação delimitada a um espaço físico.” (ASSIS, 2003:1).

Segundo MARINHO (2001), a intervenção do Estado pode ser evidenciada em três maneiras: liberal, marxista e keynesiana.

O Estado liberal surgiu com o fim do Estado absolutista, muito devido às revoluções Norte-Americana, em 1776, e a Francesa, em 1789. Sua premissa básica parte da não intervenção do Estado na economia. Seu mecanismo de mercado baseia-se num sistema autorregulador do processo econômico e autocorretor dos eventuais e transitórios desequilíbrios do capitalismo.

No Estado marxista a sociedade é dividida em: capitalistas e proletariado. O primeiro é detentor dos meios de produção e do poder político. Já os proletários possuem apenas a força de trabalho. Dessa forma, o Estado encontra-se sob domínio da burguesia, tendo como principal objetivo a maximização de seu lucro a partir de ações que atendam os seus próprios interesses.

Por fim, o Estado keynesiano, o qual está ligado a um dos objetivos desse estudo. A teoria keynesianista é indicada para o período de crise do capitalismo, ou seja, o Estado deve agir para solucionar a crise e não esperar para que o mercado o faça, eliminando ou reduzindo os efeitos dos ciclos econômicos inerentes ao capitalismo.

“A partir da teoria keynesiana pode-se deduzir sua concepção de Estado. Do ponto de vista da atividade do Estado na economia, surgem dois Keynes: um "reformista", quando atribui ao Estado o papel mais de regulador, e outro "radical", quando o Estado assume a principal responsabilidade no processo de formação de capital e principal motor do crescimento econômico.” (MARINHO, 2001:3).

3.1 Intervenções do Estado na Bahia

A partir da avaliação dos impactos econômicos, podemos considerar que, se tudo se mantiver constante, a tendência desses impactos e a degradação da cultura cacauera é aumentar ainda mais. Levando em consideração o atual cenário caótico de mais de 20 anos de crise, a maneira mais eficaz de combatê-lo é a partir de uma intervenção estatal. Conforme mencionado no item anterior, a teoria keynesiana atribui ao Estado o motor do crescimento econômico como uma das suas principais responsabilidades. Dessa forma, o papel do governo federal e estadual diante dessa situação, deve ser o de promover crescimento econômico da cultura cacauera, a qual é de extrema importância para a economia regional.

Durante esse período, pode-se considerar que houve duas principais iniciativas de intervenção do Estado na cultura cacauera da Bahia: Plano de Recuperação da Lavoura Cacauera e o Plano de Aceleração do Desenvolvimento do Agronegócio na Região Cacauera do Estado da Bahia – “PAC do Cacau”.

3.1.1 Plano de Recuperação da Lavoura Cacauera

Criado em 1995 e estendido até 2003, o Plano de Recuperação da Lavoura Cacauera tinha como objetivo financiar os esforços do combate à vassoura-de-bruxa. Foram

disponibilizados aproximadamente R\$ 340 milhões na forma de pacotes tecnológicos a fim de reerguer a lavoura a partir de processos de clonagem e enxertia de plantas tolerantes à doença.

Os produtores, os quais se encontravam descapitalizados, na esperança de recuperar a safra e o rendimento, assumiram novas dívidas aceitando esses pacotes. Porém, os resultados desses pacotes se mostraram muito pouco positivos. A clonagem, por exemplo, a fim de aumentar a produtividade, ficou muito longe da expectativa que havia na região. Segundo os produtores, a má orientação técnica da CEPLAC e outros problemas estruturais fizeram com que a maior parte dos recursos fosse desperdiçada sem produzir resultado.

O real resultado foi um novo aumento na dívida dos produtores, com linhas de crédito inadequadas com encargos financeiros elevados. A ineficácia desses pacotes técnicos foi até reconhecido pelo Conselho Monetário Nacional e pelo Banco Central, os quais permitiram que os financiamentos obtidos nas primeiras etapas desse plano fossem negociados. De acordo com o MAPA (2009), no final desse plano, essas dívidas somavam mais de R\$ 960 milhões em empréstimos bancários não pagos.

3.1.2 Plano de Aceleração do Desenvolvimento do Agronegócio na Região Cacaueira do Estado da Bahia – “PAC do Cacau”

No intuito de alavancar o crescimento da economia do estado da Bahia, foi lançado em maio de 2008 o Plano de Aceleração do Desenvolvimento do Agronegócio na Região Cacaueira do Estado da Bahia, mais conhecido como o “PAC do Cacau”, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pelo governador Jaques Wagner. Na execução desse plano pretende-se investir R\$ 2,2 bilhões até 2016.

Os principais objetivos são a repactuação das dívidas criadas principalmente pelo Plano de Recuperação da Lavoura Cacaueira, a revitalização da lavoura de cacau e o investimento em alternativas para a produção baiana. Essas alternativas englobam a produção de culturas como: dendê, frutíferas e seringueiras com a intenção de tornar a economia baiana menos alicerçada à monocultura do cacau.

Infelizmente, após mais de um ano de seu lançamento, pode-se dizer que o “PAC do Cacau” ainda não saiu do papel. Além disso, há várias reivindicações dos produtores de que o programa não atende às necessidades da região, principalmente nas questões de renegociação das dívidas.

4 CONCLUSÃO

Mesmo após muitos anos de dívidas, quedas na produtividade e safra, a região cacauceira da Bahia continua sendo de extrema importância para o país, principalmente, para o estado da Bahia. Uma região que por muito tempo foi responsável por expressivas divisas do país e que hoje é composta por mais 3 milhões de pessoas, não pode cair meramente ao descaso. Infelizmente, ao perder a importância na pauta de exportações do país, o cacau atrai cada vez menos a atenção do governo.

Se a idéia da não intervenção do estado na economia (comportamento aparentemente assumido pelo governo), abordado pela teoria liberal, fosse o melhor caminho na solução dessa crise, os atuais preços negociados na bolsa de Nova Iorque, os quais atingiram a máxima dos últimos 30 anos em outubro desse ano (2009), seriam suficientes para os produtores pagarem as suas dívidas e voltarem a produzir a patamares anteriores. Porém, mesmo com esses elevadíssimos preços, os produtores não conseguem reverter essa situação por si só.

Em consequência dessa posição adotada pelo governo brasileiro, assistimos a transferência de investimentos de capital para outros países que possuem produção de cacau em abundância. Multinacionais como a Cargill e ADM investiram recentemente em unidades de processamento em Gana (atual segundo maior produtor mundial).

Se fizermos uma analogia com as culturas que se encontram na pauta de exportação do país, e que conseqüentemente atraem uma maior atenção do governo, iremos nos deparar com alguns questionamentos. Por que existem, por exemplo, uma Embrapa Soja, uma Embrapa Trigo, mas não uma Embrapa Cacau? Por que o governo não investe em tecnologia na área de melhoramento genético a exemplo do que fez com outras culturas, como soja, nas décadas de 70 e 80, o que possibilitou ao Centro-Oeste plantar e colher soja, mesmo com regime de chuvas não tão adequadas para esta cultura, e com solo impróprio? No caso da laranja, há alguns anos, fizeram o sequenciamento genético do fungo "amarelinho", que causa muitas perdas de produtividade e de árvores nesta cultura; por que não fazer o mesmo com a vassoura-de-bruxa?

Com todos os impactos econômicos já existentes e outros que estão por vir, é imprescindível que sejam criados programas de incentivo que realmente atendam às necessidades dos produtores e que tenham potencial para superar essa crise. Programas que além de ofertar financiamentos de acordo com a situação dos produtores, foquem em investimentos em tecnologia e no desenvolvimento da região.

A partir desse artigo, proponho novos estudos para futuros trabalhos no aprofundamento de algumas questões: *I)* a influência da valorização do real na década de 90 sobre o aumento das importações de cacau; *II)* falha dos mecanismos de mercado com a queda do preço do cacau na década de 90 (não houve substituição do cacau por outra cultura); *III)* análise do custo-benefício entre os custos sociais das 250 mil pessoas que perderam seus empregos e migraram para as cidades, mais os R\$ 11 bilhões de perda na receita dos produtores versus um investimento governamental que tenha potencial de colocar um fim nessa crise; *IV)* a evolução do índice de pobreza nas cidades que compõem o pólo produtor de cacau na Bahia a partir do início das perdas pela vassoura-de-bruxa.

5 REFERÊNCIAS

ASSIS, Paulo. **Evolução do estado**. s/l. FUMEC, 2003

AMADO, Jorge. **Terras do Sem Fim**. Salvador: Editora Record, 1943.

_____ **São Jorge dos Ilhéus**. Salvador: Editora Record, 1944.

_____ **Gabriela, Cravo e Canela**. Petrópolis: Editora Record, 1958.

BORGES, César. **César Borges: a Bahia diz que o PAC do Cacau empacou**. Brasília, 02 set. 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=r6Ig5RMDgMI>> Acesso em: 15 out. 2009.

BARROS, Carlos Juliano. **A saga do cacau na Bahia**. s/l, 01 mai. 2005. Disponível em: <<http://www.reporterbrasil.com.br/imprimir.php?escravo=1&id=57>> Acesso em: 10 ago. 2009.

BRITO, Ana Leonor Monteiro de. **Alguns aspectos da decadência da lavoura cacauera**. Ilhéus: UESC, 2000.

DILLARD, Dudley. **A teoria econômica de John Maynard Keynes**. Tradução de Albertino Pinheiro Junior. São Paulo: Pioneira, 1986.

HAQUE, Irfan ul. **Commodities under Neoliberalism: the case of cocoa**. s/l. United Nations, 2004.

HARCOURT, G.C. & RIACH, P.A. **A 'second edition' of the general theory**. Londres: Routledge, 1997

IGREJA, A C M ; ROCHA, M B ; BRAGA, N R ; OTSUK, I. P. ; SCHAMMASS, E A . **Simulação da produção de soja e milho: detecção de características regionais com o modelo Shift-Share**. In: XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2004, Cuiabá. Anais do XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2004.

LIMA, Sérgio Ricardo Ribeiro. **Reflexões sobre os impactos socioeconômicos dos assentamentos rurais na região cacaujeira.** s/l. UESC, s/d

MAFUD, M. D. ; NEVES, M. F. . **Uma Reflexão Sobre A Produção de Alimentos e de Etanol no Brasil.** In: XI SEMEAD Seminários em Administração, 2008, São Paulo. XI SEMEAD - Seminários em Administração - Empreendedorismo em Organizações, 2008.

MARINHO, Pedro Lopes. **O estado e a economia cacaujeira da Bahia.** Ilhéus: UESC, 2001.

_____ **Produto básico, crescimento e desenvolvimento regional: o cacau do sul da Bahia.** Curitiba: UFPR, 2001.

MIDDLEJ, Rosalina Ramos, FILHO, Lindolfo P. dos Santos, ARAÚJO, Antônio Carlos de. **Fontes de crescimento da produção mundial de cacau de 1961 a 2004.** s/l. CEPLAC, s/d.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). **O amargo do chocolate.** s/l, 12 jun. 2009. Disponível em:

<<http://www.agroin.com.br/novo/?p=view&id=550>> Acesso em: 10 out. 2009.

REIS, S. M. dos; Fernando A. T. Mendes, F. A. T. Sousa, J.M.S. de. **A cadeia produtiva do cacau e a sua contribuição para geração de empregos na Amazônia.** Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. Disponível em: <<http://gipaf.cnptia.embrapa.br>> Acesso em: 10 ago. 2009.

SECRETARIA DA AGRICULTURA, IRRIGAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (SEAGRI). **Renda Agrícola 2009 - principais produtos agrícolas (Bahia).** s/l, s/d. Disponível em: <http://www.seagri.ba.gov.br/renda_agricola_bahia.pdf> Acesso em: 21 out. 2009.

TH Consultoria. **Avaliação das perdas de receita da lavoura cacaujeira da Bahia provocadas pela introdução da doença da vassoura-de-bruxa.** Salvador: TH Consultoria, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Periódicos e artigos de periódicos: normas para a apresentação de documentos científicos.** 2. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

ZUGAIB, Antônio César Costa. **Análise da importação de cacau via drawback no Brasil e sua influência para os produtores, industriais e governo.** Ilhéus: CEPLAC, 2005.